

Depressa, Heidi – disse a tia Dete, franzindo a testa. – Eu sei que o caminho
 é longo e que também estás cansada, mas a casa do avô ainda fica longe.

A Heidi largou a mão da tia e afastou dos olhos o seu húmido cabelo escuro.

- Eu não estou cansada. Tenho calor! - exclamou.

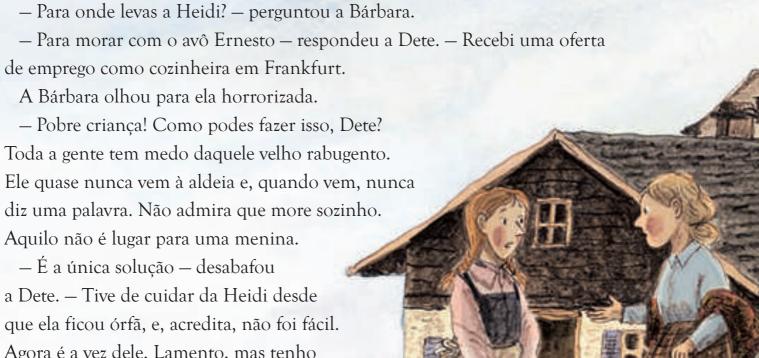
Ela tinha cinco anos, mas parecia mais crescida, porque a tia Dete insistira em embrulhá-la com todas as suas roupas de inverno, para não ter de as carregar. Apesar do calor escaldante do verão, a Heidi usava três vestidos, um xaile grosso e botas tão pesadas que mal conseguia levantar os pés. Elas já caminhavam há duas horas, mas a tia Dete não abrandava o ritmo.



Quando chegaram a Dörfli, os antigos vizinhos da Dete correram para cumprimentá-la, mas ela passou apressada com o nariz empinado.

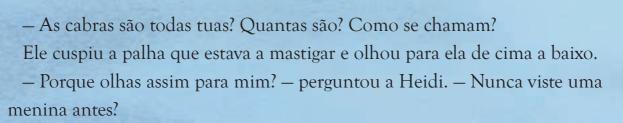
- Espera! - chamou a sua amiga Bárbara. - Não te vejo há anos. Não vais parar para conversarmos um pouco?

Quando a Bárbara finalmente alcançou a Dete, a Heidi sentou-se na relva para recuperar o fôlego. Cercada por margaridas, divertiu-se a apanhá-las e a entrelaçar os seus caules verdes, para fazer um colar. Mas, de repente, ouviu o som de sinos a tocar e olhou para cima. Ao longe, viu um menino a pastorear cabras e, com vontade de brincar, correu na direcão dele. A tia Dete estava tão distraída a conversar com a amiga que não a viu a afastar-se.



Agora é a vez dele. Lamento, mas tenho de pensar em mim.





- Não como tu respondeu ele, a sorrir. Como te chamas?
- Heidi respondeu a menina.
- Heiidii, hum... repetiu ele devagar, pronunciando suavemente o nome dela. E quem és tu, miúdo engraçado? – perguntou ela. - Aqui toda a gente me conhece. Sou o Pedro - respondeu. - Anda, vamos correr como o vento! – E, com um grito, ele deu-lhe a mão e saíram a correr atrás das cabras, soltando gargalhadas por entre as ervas altas. – Como se chama esta cabra branca? – perguntou a Heidi. - Branquinha - respondeu o Pedro. - E estás a ver aquela castanha a dar coices? É a Ursina.

O Pedro falava das suas cabras com tanto entusiasmo que a Heidi perdeu a noção do tempo.

- Onde estão as tuas roupas,
 minha menina? perguntou a tia
 Dete quando finalmente a encontrou.
- Lá em baixo respondeu a Heidi,
 apontando.

A tia Dete avistou, ao fundo, uma pilha de roupas caídas.

Vai buscá-las e veste-asimediatamente! – ordenou a tia.

Mas a Heidi abanou a cabeça.

- EU NÃO QUERO nenhuma roupa!
- Não importa o que tu queres –
 disse a tia Dete. Rapaz, vai buscar as coisas da Heidi.
- Não posso, senhora, estou
 atrasado respondeu ele, enfiando
 as mãos nos bolsos em sinal de
 desafio.

Resmungando, a tia Dete ofereceu-lhe uma moeda e, em troca, recebeu um sorriso matreiro. O Pedro logo se apressou a ir buscar as roupas.



O avô Ernesto estava sentado em frente à sua cabana quando a tia Dete e as crianças apareceram. Ele parecia tão imóvel quanto as montanhas acima dele. Reunindo coragem, a Heidi correu na sua direção com um grande sorriso.

- Olá, avô! - cumprimentou, estendendo-lhe a mão.

Ele afastou-se para trás, agarrando-se à borda do banco para se equilibrar.

– Que é isto? – questionou, com um olhar gélido.

A Heidi aproximou-se ainda mais, fascinada com as suas sobrancelhas, tão brancas e tão espessas que mais lhe pareciam ovelhas. Ele pestanejou, sem perceber. Depois a Heidi deu-lhe um beijo.

- Estou tão feliz por te ver, avô disse ela. Não estás feliz por eu ter vindo?
 Ele afastou-se, quase como se o beijo lhe tivesse picado a bochecha.
- Tio, porque tem de agir assim? A Heidi é sua neta protestou a Dete.
- Assim?! trovejou ele. Porque a trazes até mim agora?
- Já não posso tomar conta dela respondeu a Dete. O senhor é a única família que ela tem, por isso tem de ficar consigo.
 - Comigo?! rugiu. E que devo eu fazer com uma criança?
- Cuidar dela! A menos que queira dar razão aos aldeões que o acham um velho rabugento... – comentou a Dete, bruscamente.

O avô ficou furioso e, levantando um cajado, disse:

– Vai-te embora, Dete! Ela pode ficar, mas, tu, volta para o lugar de onde vieste e deixa-me em paz!

Desolada, a tia Dete desceu a montanha a correr, sem sequer se despedir.

– Ó avô... acho que agora vais ter de tomar conta de mim – comentou
 a Heidi.

Mas o avô não olhou para ela. Resmungando para si mesmo, voltou para o seu banco e sentou-se em silêncio.



A Heidi ficou em frente a ele, paciente, durante algum tempo. Mas como o avô se recusou a dar-lhe atenção, ela foi espreitar o curral das cabras, que estava vazio. Depois sentou-se a assobiar ao vento, que lhe devolvia um uivo ao passar as suas rajadas pelos ramos dos pinheiros. Algum tempo depois, perguntou a si mesma se o avô estaria a sentir a sua falta e correu de volta para junto dele.

- Que queres? perguntou ele, friamente.
- Quero ver o que há dentro da tua casa respondeu ela. Mostras-me, por favor, avô?
 - O avô suspirou e levantou-se.
 - Traz as tuas roupas ordenou.

A Heidi agarrou nelas e, segurando-as contra o peito, seguiu o avô para dentro de casa.

Não quero vestir estas roupas — disse. — Eu quero andar como as cabras!
Olhou em redor. No canto, havia uma lareira com uma chaleira de cobre

pendurada acima dela. Não havia muitos móveis; apenas uma mesa, uma cadeira, um banquinho de três pernas, uma cama e um armário alto que o avô usava para guardar de tudo: comida, pratos, copos e roupas.

- Põe as tuas coisas ali disse ele, apontando para o armário. Depois observou-a a esconder as suas roupas de inverno bem no fundo e não conseguiu conter um ligeiro sorriso.
 - Onde vou dormir, avô? perguntou
 a Heidi.
 - Decide tu. É-me indiferente respondeu ele.

